2.º Anno — SEGUNDA-FEIRA, 3 DE MAIO DE 1909 — N.º 22

CORREIO DE EIXO

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

Cumprimento d'um dever

Uma grande desgraça, produzida por um phenomeno natural, contra que não ha precauções possiveis, porque são absolutamente desconhecidas as leis que o regulam, acaba de pôr mais uma vez em destaque a singular generosidade da raça portugueza.

Um forte abalo de terra destruiu algumas povoações, causando a morte a dezenas de creaturas e deixando milhares d'ellas na miseria. Aconteceu isto para o sul, nas margens do rio Tejo, mas o paiz inteiro tomou parte na enorme dôr que afflige os nossos irmãos d'aquella região e procura por todos os meios suavisa-la.

Ninguem faz mais do que o seu dever, mas é altamente consolador verificar que todos o sabem cumprir. Este facto revela-nos que as qualidades, que tornaram grandes os nossos antepassados, não se extinguiram e antes constituem o fundo da alma portugueza. E é extremamente lamentavel que um povo que illustra uma das mais bellas e fecundas paginas da historia—porque, pelo seu heroismo, contribuiu, como nenhum, para o avanço da civilisação universal—e que conserva, embora apparentemente extinctas, as qualidades que o tornaram grande, sêja hoje apontado como um dos mais atrazados da Europa, desacreditado perante as nações estrangeiras que até, nesta hora dolorosissima, não conseguiram esconder, com poucas excepções, o seu desprezo e a sua antipathia.

De nada valeu que Portugal, por occasião da catastrophe de Messina, vibrasse intensamente commovido perante a desgraça alheia e, num bello movimento de solidariedade humana, concorresse com o seu auxilio moral e material para suavisar a dôr que retalhava a alma dos habitantes d'uma nação estranha.

Hoje, batido por egual desgraça, tem de contar apenas comsigo, parecendo que os seus gritos de dôr não encontram echo no coração dos outros povos. Talvez não tenhamos razão, mas parece-nos que a nossa vida politica, sobre que o estrangeiro está sempre de olhos postas, concorre para que, até num momento angustioso, as nações estranhas se esquivem a manifestar-nos sympathia.

E não é o povo—as classes trabalhadoras—que tem concorrido para esta situação inferior em que nos encontramos; mas sim as classes dirigentes que, com os seus erros e a sua desorientação, não só não tem sabido aproveitar as boas qualidades da nossa raça, mas até vão concorrendo para a sua perversão.

Felizmente que o paiz procura regenerar-se por si mesmo, e oxalá que esse movimento de renovação que se vae accentuando inicie depressa para Portugal uma nova phase em que, cuidando-se mais de administração do que de politica, se consiga impôr a nação ao respeito e sympathia dos outros povos.

NOTAS LIGEIRAS

BENEFICENCIA ESCOLAR

No primeiro numero, depois do reapparecimento d'este jornal, cumprimos o dever de lamentar que á commissão de beneficencia escolar d'esta villa, creada ha perto de cinco annos, ainda não tivesse feito absolutamente nada.

Por essa occasião, e ainda depois por algumas vezes, incitamo-la a trabalhar, promettendo-lhe todo o nosso apoio. Pois já lá vão mais de quatro mezes e, que nos conste, ainda não reuniu, sequer, para resolver... pedir a sua substituição por quem sêja cada capaz de fazer alguma coisa.

Por hoje, isto basta para a referida commissão ficar sabendo que ainda ha quem se lembra d'ella...

ANIMATOGRAPHOS

Nas duas principaes cidades do reino, e até pela provincia fora, o divertimento publico que actualmente está a bater o *record* da concorrencia é o animatographo. Em Lisboa e Porto funccionam ás dezenas, e cada um dá ás duzias de sessões por noite. Pois apesar de tal abunduncia e da miseria que se diz haver por toda a parte, poderão faltar logares, mas não faltam nunca espectadores.

Vê-se, portanto, que o animatographo depressa captou as simpathias do nosso publico e talvez não seja difficil averiguar as razões do facto. Cada povo, cada individuo, tem as suas predilecções, os seus gostos, e isso depende em grande parte da educação recebida. Nós, os portuguezes, preferimos, entre todos, os espectaculos em que appareça a nota escandalosa, picante, pornographica mesmo. E porque? Porque a educação que, em geral, nos ministram os jornaes, o theatro, os livros, nos leva a isso.

O que haviam, portanto, de fazer as emprezas de animatographos, desde que o seu fim é puramente mercantil? Explorar o gosto publico. E, assim, o animatographo, que poderia ser um bello instrumento de educação popular, tornou-se uma escola de desmoralisação em que se faz a apologia de toda a casta de crimes, desde o roubo ao adulterio.

Vae-se mais longe até—de modo a poder considerar-se o animatographo como um divertimento ... só para homens.

NO PARLAMEMTO

O caso palpitante das ultimas sessões parlamentares é a retirada da maioria, quando o deputado renegenerador Caeiro da Matta principiava a usar da palavra.

Qual a significação do facto?

Tomou-o o sr. Dr. Caeiro da Matta á conta de desconsideração pessoal, de tal modo que, tornando responsavel por elle o *leader* progressista, sr. Dr. Moreira Junior, já lhe mandou os padrinhos, o que mostra que o illustre professor da Universidade é um apaixonado do duelo.

Interpretam-no outros—e d'isso dá conta o *Dia*—«como uma habilidade do sr. José Luciano que pretende provocar, com uma questão pessoal, uma incompatibilidade entre as maiorias e as minorias, tornal-a irreductivel e fechar assim o parlamento antes da discussão do tratado com o Transvaal e, com esse pretexto, arrancar á corôa a dissolução.»

Outra opinião ha ainda—e é a do auctor das cartas de Lisboa para o «Primeiro de Janeiro»—segundo o qual a maioria não pretendeu aggravar o sr. Caeiro da Matta, mas apenas evitar que os antigos ministros da marinha, srs. Augusto de Castilho e Antonio Cabral, se vissem obrigados a usar da palavra, que haviam pedido para se defenderem das accusações que lhe foram feitas a proposito do tratado luso-transvaaliano, porque segundo a propria expressão das referidas cartas, «não sabem nem podem defender-se.»

... E ahi fica o extracto da sessão parlamentar de quarta-feira, feito, é claro, segundo a phantasia e os interesses politicos de cada um.

NOVOS ACTORES?

Na ultima sessão da camara dos deputados, o snr. Antonio Cabral, em nome da maioria, fez a seguinte declaração:

«Em nome da maioria parlamentar declaro que de hoje em diante esta não mais tratará do incidente Caeiro da Matta, e que atentos os acontecimentos parlamentares com aquelle deputado, occorridos e aggravados na ultima sessão pela attitude deste ao lado da camara manifestar-se-ha para com este deputado pela absoluta ausencia de resposta a qualquer discurso que ella profira nesta sala. Esta attitude da maioria apenas visa o referido deputado.»

Acabada a leitura as minorias romperam em violentos protestos, tendo o sr. presidente de encerrar a sessão.

Parece que é absolutamente irreductivel a incompatibilidade entre as maiorias e minorias não sendo para extranhar que D. Manuel se vêja obrigado a chamar novos actores...?

SECÇÃO LITTERARIA

LUAR DO SUL

Rezam baixinho e docemente as fontes,
E extaticos, num sonho, deslumbrados,
Commungam o luar, ajoelhados,
Florestas e casaes, valles e montes...

Falla o rio aos salgueiros, debruçados,
Das cidades que viu, das altas pontes...
Estão scismando, ao longe, os horisontes,
Dormem lá cima os astros, desmaiados...

Argentam-se, florindo, os arvoredos,
Transfigurados, sobrenaturaes,
E a chuva lactea bate-lhes em cheio...

Aclaram-se os mais intimos segredos
Na luz maravilhosa, e, virginaes,
Os lyrios brancos lembram-me o teu seio.

CANDIDO GUERREIRO.

ROMARIAS

Tempo de romarias.

Ainda temos nos ouvidos a algazarra do Senhor de Mattosinhos e já ahi está a do Senhor da Pedra num areal esbrazeado da costa, onde reluz uma capelinha branca como uma gaivota que alli pousasse, e onde só meia duzia de pinheiros dão uma sombra morna... Que alegria bemdita a de este povo, que ri e canta ao som de banzas e de harmoniuns, n'aquellas areias que esdaldam!

A de Mattosinhos tem o pittoresco do logar cheio de sombras bucolicas, o adro espaçoso e florido, todo um arrabalde de adoravel paisagem de tons doces, e ao pé o mar, o esplendido mar azul onde o sol dardeja, e na noite de fogo se reflectem com a poesia da lua as lagrimas dos fogos da pyrotechnia nacional—que está sendo cultivada por esse paiz fora com tal esmero, que não tardará a pertencer, cuidamos nós, ao grupo das bellas artes... Porque a verdade é esta: os nossos pyrotechnicos estão fazendo maravilhas. E numa noite poetica de maio ou de agosto ha effeitos de fogo que valem bem um bello quadro, uma esculptura amorosa ou uma peça musical, expressiva, de Grieg ...

*

De dia, o aspecto da romaria é um grande quadro scenographico resplandecente e colorido. Este anno a de Mattosinhos foi um delirio. Os carros americanos venderam mais de vinte mil bilhetes que no anno passado. Racharam-se, como é natural, numerosas cabeças. E em pleno sol, a multidão hilariante e formigante, sapateando danças e tangendo violas, com ramos de arvores na mão e flores ao peito, esgotando as canecas e os picheis de vinho verde, dir-se-hia numa festa pagã e resplandecente para quem passeasse o arraial. Mas com todo esse agradavel scenario, com toda a cor e alegria peninsular da romagem, nós não comprehendemos o goso d'essas festas. A multidão suffoca-nos. Gostariamos de ver uma romaria—de balão.

Entre os encontrões da multidão avinhada, entre a poeira, a gritaria e o sol, fugimos—sem que levemos a mal ao povo que se alegre um pedaço, elle que poucas mais distracções tem na vida, e para quem as romarias são, de quando a quando, os cyrineus da sua dura e pesada cruz!

Deixal-o cantar e bailar no ardor do arraial! Bem o merece esse povo, que no dizer do historiador *é de todos o mais talhado para o heroismo*. Bem o merece, esse povo de mareantes e de poetas, que nos dá ainda a maior belleza de terra onde nascemos, nas vinhas e nas searas voluptuosas, crestando o colmeal, espadelando o linho, varejando o olival ou batendo, em cadencia, os manguaes nas eiras, sob a benção do ceu divino e luminoso! Povo de sacrificados, que em toda essa georgica, rudimentar como a de Virgilio, ainda nos deixa vêr um pedaço de esperança, um retalho de fé e um vislumbre de paz...

Deixal-o cantar, doidejar um momento! A romaria é a sua chimera...

Julio Brandão.

NOTICIARIO

Melhoramentos locaes—Começaram já os trabalhos para o alargamento do caminho que corre ao longo do adro, do lado da pharmacia do sr. Antonio Simões da Silva.

E' este importante melhoramento, como já tivemos occasião de dizer, da iniciativa do nosso presado amigo e prestante conterraneo, sr. Avelino Dias de Figueiredo, digno vereador da camara municipal d'Aveiro, o qual mais uma vez quiz ser util a esta terra que já muito lhe deve.

Valle do Vouga—Estão parados os trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga entre a estação d'Aveiro e a Ponte da Rata.

E' isto devido, segundo se diz, ao facto de ainda estar por fazer a expropriação de alguns terrenos, como acontece, por exemplo, nesta villa.

Tremor de terra—E' verdadeiramente notavel a maneira como por toda a parte se procura accudir á grande desgraça occasionada pelo terremoto do dia 23 do mez passado em algumas povoações do Ribatejo.

Abrem-se subscripções, realisam-se bandos precatorios, dão-se espectaculos, e ninguem se recusa

a contribuir para a grande obra de solidariedade humana.

Como já dissemos no ultimo numero, o nosso parlamento votou por acclamação um credito de 100 contos para occorrer ás despezas occasionadas pela catastrophe. Hoje temos a registar que a Hespanha contribuiu bizarramente com 20 contos para o mesmo fim.

Em Lisboa, realisaram-se já alguns bandos precatorios, o primeiro dos quaes rendeu perto de tres contos de reis. No Porto, realisaram-se dois: um por iniciativa do «Club dos Fenianos», que rendeu 1.821$965 reis, e outro promovido pelos alumnos do Collegio de Nossa Senhora da Victoria, que produziu seiscentos e tantos mil reis.

Entre as várias subscripções que estão abertas, contam-se uma da iniciativa de Sua Magestade El-Rei e outra promovida pela «Cruz Vermelha». Para a primeira, que já está em perto de 20 contos subscreveram, entre outros, o snr. D. Manuel com 1 conto de reis, a snr.ª D. Amelia com 500$000 reis, o snr. Infante D. Affonso com reis 250$000, o Banco de Portugal com cinco contos e o snr. Conde de Agrolongo com 4.500$000 reis.

Muitos outros donativos poderiamos registar, se por ventura dispuzessemos de espaço. Têm-no feito os jornaes diarios.

O que deixamos dito, no emtanto, é bastante para justificar a affirmação que fizemos, ao principiar esta noticia.

Despachos—Foi transferido da Relacão dos Açores para a de Lisboa o snr. dr. Abel de Mattos Abreu.

—Foi collocado nesta Relação o snr. conselheiro Augusto Maria de Castro.

Pelos tribunaes—Realisou-se nos dias 27 e 28 do mez passado, no tribunal da comarca d'Aveiro, o julgamento de Adelaide Pereira Henriques e Clemente Augusta d'Oliveira, d'Esgueira, accusados de attentarem por meio de envenenamento contra a vida do sr. Luiz Henriques, marido da ré.

O jury considerou o crime como provado, o que teria como consequencia a applicação d'uma pena bastante grave, se o facto de terem sido attendidas algumas circumstancias attenuantes não permittisse que o presidente do tribunal usasse da faculdade que a lei lhe confere de reduzir a pena. Assim, a ré foi condemnada em 4 annos e meio de degredo e o reu em 2 annos de prisão maior cellular ou, em alternativa, em 3 de degredo.

A accusação esteve a cargo do digno agente do Ministerio Publico, sr. dr. Manuel Joaquim Corrêa, e a defeza foi feita pelos illustres advogados da comarca, srs. conselheiro Jayme Duarte Silva e dr. Cherubim do Valle Guimarães, defendendo o primeiro a ré e o segundo o reu.

—Todos se recordam ainda, decerto, do celebre caso da Quinta da Formiga, isto é, das revoltantes scenas de sadismo praticadas nessa quinta nos mezes de julho e agosto de 1907 e das quaes eram accusados, como principaes auctores, João Jacintho Nunes, o seu creado Antonio Osorio e o ex-taberneiro Carlos Alberto, o «Papa-Arroz».

Foi, ultimamente, o seu julgamento cuja discussão durou quatro dias, sendo, afinal, absolvido o «Papa-arroz», e condemnado o Jacintho Nunes e o creado, respectivamente em 12 e 11 mezes de prisão correcional.

Ao contrario de toda a gente, certamente, o Jacintho Nunes achou castigo demasiado, pelo que appellou.

Concursos—Foi aberto concurso para provimento de tres logares de professores do primeiro grupo, respectivamente nas escolas districtaes de Aveiro, Villa Real e Funchal, e um do segundo grupo na escola districtal da Horta.

Festividade—Realisou-se com muito brilho, nos ultimos sabbado e domingo, no Carregal, freguezia de Requeixo, a festividade em honra da Virgem das Necessidades.

Instrucção Primaria—Foi promovida á 1.ª classe a snr.ª D. Maria de Jesus, professora de Canellas (Estarreja).

—Foi aposentado o sr. José Lopes Ramos, professor em Pardilhó (Estarreja), com 170.000 reis.

—O conselho superior de instrucção publica, na sua ultima sessão, foi favoravel ao provimento definitivo, na escola do sexo masculina d'esta vila, da sr.ª D. Carolino Adelaide de Mello, que justamente é considerada como professora muito distincta; e á abertura de concurso para provimento da escola mixta de Bolfiar (Agueda).

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Tem passado incommodado o nosso amigo e conterraneo sr. José Rodrigues Felizardo. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

—Está quasi completamente restabelecido, com o que muito folgamos, o nosso amigo sr. José Fernandes de Bastos Valença, importante e acreditado commerciante no Porto.

Anniversarios

Fez annos no dia 29 do mez passado o sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, dignissimo desembargador da Relação do Porto. Pedimos licença para apresentar a sua ex.ª os nossos respeitosos cumprimentos.

Estadas

De visita ao nosso presado amigo sr. João Martins de Pinho, estiveram aqui os srs. Antonio Ferreira dos Santos, Gustavo Moreira, Francisco Preza e José Dias, dignos empregados das Obras Publicas do districto d'Aveiro.

—Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. José Martins Alberto, Manoel Rodrigues Pardinha, Aristides Dias de Figueiredo e Manoel Maria Amador.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.

JOÃO SEMANA E O REITOR

(DAS «PUPILLAS DO SR. REITOR»)

Chegou assim ao largo da igreja da freguezia e atravessou-o por deante da residencia do reitor. Deitou de soslaio os olhos para as janellas da casa parochial, e, como as visse fechadas, picou a egua, para ver se escapava, sem vir á fala e evitava novos empecilhos.

Não conseguiu, porém, o seu intento.

Uma das vidraças correu-se repentinamente e o reitor appareceu á janella, animado de sorrisos e com um guardanapo na mão.

—O' João Semana! O' homem!

O' velhote! Pschiu!—bradava elle.

João Semana foi obrigado a voltar-se.

—Que é lá?

—Espera, fala á gente.

—Vou com pressa.

—Então andas por fóra com um calor destes? Isso é de crear malinas, homem.

—Que queres tu, abbade? Meu pai caiu na patetice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania fazer-me padre, outro gallo me cantara.

—Cuidas então que não temos canceiras?

—Ai dão-te muito que fazer as tuas ovelhas, estou vendo.

—E não dão pouco.

—Só a cardá-las com as congruas e derramas! Por isso estás magro. Para vos sustentar suamos nós outros.

O reitor sorria sem a menor sombra de offensa.

—Vamos a saber? Queres provar do meu arroz?

—Eu?! Já não tenho estomago creado para comidas de padres. Padre, abbade e egresso de mais a mais! Safa! Morria de indigestão esta noite.

—Anda lá, anda lá; ainda não perdoaste aos frades. Morres impenitente.

—Como queres tu que eu lhes perdoe o terem gosado sem mim daquella santa vida de convento?

—Santa, sim; porém, sem mortificações, não.

—Oh de certo que não! Os melhores cosinheiros tem ás vezes os seus descuidos e os paladares de v. rev^mas lá de quando em quando, aturavam o esturro no arroz, sal de mais na sopa, pimenta de menos no guisado, ou outra coisa assim, lá isso...

—Valha-te não sei que diga. A vida é para ti, homem, que, com mais de oitenta, estás fero e robusto e levas geito de assistires ao nascimento do seculo vinte.

—E' para veres de que fêveras eu sou. Se tivesse a tua vida, viveria como Noé. Mas tu estás de palanque e á fresca e eu aqui estate-lado a dar-te trela. Adeus, meu amigo.

Olha cá, espera homem. Então nem um calice do meu bastardo, hein? Olha que é do que tu gostas!

—Prefiro uma garrafa em minha casa.

—Lá franco no pedir és tu. Mas do que ninguem se gaba é de saber o gosto do teu moscatel.

—Querias talvez que eu te mandasse um presente de vinho?!

Era o que me faltava! Presentes de vinho! E a um frade!...

E, dizendo isto, poz se a caminho, achando-se, dentro em pouco, a uma distancia já consideravel da residencia.

De repente, como se lhe occor-

GAZETILHA

Se houver hoje alguem que possa
Metter hombros á chalaça
Nesta linda patria nossa
Batida pela desgraça
D'olhar torvo, negra e fria,
Tome o logar cá na *praça*
Que lh'o cedo, neste dia.

Pois meu peito não resiste
A' dor forte que o alanceia;
A minha alma vibra triste
E, torturada, pranteia
O estrebuchar da amargura
Brutal, ingente, que enleia
Os povos da Extremadura.

Mas quem se atreve a cantar
No meio desta tristeza?
Era talvez provocar
Outra vez a Natureza,
Quando mortes, gritos, ais,
Ha na terra portugueza,
Terra d'amor, de meus paes.

Todo o peito portuguez
Abriga egual coração
Que espelha qualquer revez
Doutro peito seu irmão;
E brotam d'elle, em torrentes,
Como as lavas dum vulcão,
Effluvios d'amor ardentes,

Que teem poder sacrosanto
De evocar a Caridade,
Que vem d'estrellado manto,
Toda envolta em claridade,
Abrigar o frio e fome
Enxugando sem vaidade,
O pranto que nos consome.

El-Vidalonga.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 30

De passagem para Alemquer, esteve nesta cidade o nosso amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães, irmão do director do nosso «Correio do Vouga».

—Tambem aqui está o sr. Ivo Dias Maia, que ha dias regressou de Loanda (Africa), a bordo do vapor «Pero de Alemquer». Conta retirar, por estes dias, para S. João de Loure, sua terra natal

Juntamente com aquelle nosso amigo chegou tambem o sr. Manuel Maria, o «ferrador», que esteve na Africa a cumprir a pena que lhe foi imposta por diversos delictos que cometteu em S. João e Angeja.

—Principiou, hoje, no 4.º districto criminal d'esta cidade, o julgamento de João Nunes, do seu creado e do «Papa arroz», accusados de serem os principaes auctores das scenas escandalosas de que foi theatro a Quinta da Formiga.

A requerimento do representante do Ministerio Publico, foram ouvidas as queixosas que prestaram declarações sobre os factos que constituem o corpo de delicto e que, decerto, os leitores do «Correio do Vouga» conhecem, porque os jornaes d'elles se occuparam largamente.

Com certeza, não acaba hoje o julgamento, pelo que só na proxima semana poderei dar conta da sentença que será condemnatoria.

Pelo menos, assim parece exigi-lo a justiça.

—Para terminar, lembro, mais uma vez, aos meus conterraneos o dever de auxiliarem a junta de parochia a levar por deante o seu projecto da construcção d'um cemiterio. Mãos á obra. Nada de desanimar.—*Melicias.*

Arrancada, 29

No dia 25 do corrente, e a convite da commissão promotora da constituição dum Nucleo da Liga Nacional d'Instrucção, n'esta localidade, reuniram em maioria os socios subscriptores do mesmo Nucleo a fim de se deliberar sobre differentes assumptos da sua competencia.

Um dos pontos a tratar era a eleição do corpo gerente, que ficou bem constituido; outro era tomar conhecimento d'uma subscripção promovida em Africa, a pedido do incansavel socio promotor, snr. Casimiro d'Oliveira Bastos, pelo seu irmão, snr. Abilio d'Oliveira Bastos, e snr. José da F. Moraes, nossos patricios. Esta subscripção rendeu a quantia de 102$500 reis. Alem d'isso, os dois cavalheiros a que acima me refiro, promettem subscrever com 12$000 reis annuaes cada um e um nosso patricio, o snr. João Ferreira da Silva, com 3$000 reis.

Outros assumptos se trataram n'esta reunião, tendentes todos a levar a bom fim o papel que este Nucleo se propõe desempenhar e que consiste na extincção do analphabetismo e no derramamento da educação civica e social do povo.

Na acta foi exarado um voto de louvor aos snrs. Abilio d'Oliveira Bastos e José da Fonseca Moraes, pelos relevantes serviços por estes cavalheiros prestados ao referido Nucleo, bem como um voto de agradecimento a todos os socios subscriptores e a todas as pessoas que d'algum modo concorreram para o progresso de tão nobre como sympathica causa.

O Nucleo, apesar de ainda só agora se organisar em bases solidas e definidas, já aqui mantem um curso nocturno para analphabetos adultos desde janeiro, devido, sem duvida, aos exforços do professor desta freguezia, snr. João Baptista Fernandes Vidal, que se promptificou a lecional-o gratis, se não houvesse verba para o gratificar.

E aqui tem os leitores mais uma prova irrefutavel de quanto pode fazer a iniciativa particular em favor da instrucção.

Para grandes males, grandes remedios,—e, se muitas vezes estes se não encontram, é porque ninguem cuida de os procurar como deve.

Se todos os que podem dispôr d'alguns tostões—e até sem nenhum sacrificio—se compenetrassem de que o seu pequeno obulo ia representar uma grande parcella na obra de redempção da Patria, humilhada e escravisada pela falta de instrucção, não seria preciso muito tempo para essa redempção ser uma realidade.

A nossa sociedade, por defeito de uma educação mal formada e mal orientada, costuma ainda, geralmente, rir desdenhosa d'estas «puerilidades».

No entanto é deveras consolador dizer que já ha muitas excepções. Evidentemente isto vae se movimentando. E como o movimento é vida, e como só pode viver o que se for modificando e acompanhando o movimento social, de suppor é que dentro em pouco se deixe de desdenhar do que só deve merecer o applauso de todos.

Que em todas as freguezias se cuide das coisas d'instrucção como aqui se tem cuidado, e não serão precisos muitos annos para que em Portugal deixem de haver analphabetos.

Como esta já vae longa; por aqui me quedo, por hoje. Tinha mais que dizer, mas fica para a outra vez.—C.

Troviscal (O. do Bairro), **29**

O violento tremor de terra que no dia 23 do corrente abalou quasi toda a peninsula e que lançou na mais completa miseria algumas povoações do Ribatejo, tambem por aqui se fez sentir, não causando, todavia, que me conste, quaesquer prejuizos pessoaes ou materiaes.

Ainda bem, felizmente.

Mas, porque fomos mais felizes do que alguns outros nossos irmãos portuguezes, não nos esqueçamos da sua situação devéras angustiosa e concorramos, cada um na medida das suas forças, com o que pudérmos para minorar o seu soffrimento. O mesmo desejariamos que nos fizessem, se em iguaes circumstancias nos encontrassemos.

Cada um dê o que pudér.

E como varios jornaes abriram subscripções n'esse sentido, facil será a quem queira praticar a virtude da caridade, fazer chegar, por seu intermedio, ao poder dos nossos desventurados irmãos, a sua esmola.

Ahi fica o meu appelo. E será grande o meu contentamento, se vier a saber que o não fiz em vão.

—Pelas 11 horas da noite de 24 proximo passado, uns atrevidos gatunos furtaram uma junta de bois ao meu amigo sr. José dos Santos Pato, da Mamomarosa, pondo-se em seguida a caminho do Porto. Mas em S. Martinho de Salreu (Estarreja), porque as suas figuras já ali fossem algo conhecidas e por outras circumstancias mais, foram presos e entregues ás auctoridades competentes que os saberão julgar, applicando-lhes a pena merecida. Pouco depois os bois foram entregues ao seu verdadeiro dono, que foi, afinal, um felizão.

Que a lição aproveite aos que não teem as casas bem vedadas e áquelles que confiam demais em caras mui duvidosas...

Isto sem offensa para ninguem, bem entendido!

—Falleceu aqui, ha dias, a esposa do snr. Manoel Filippe, conceituado e abastado proprietario, a quem envio os meus sinceros pezames, bem como a seu filho e meu amigo Adriano Filippe.—*Gil*

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto

PALPITAÇÕES TERRESTRES

——

. . . . . .

Se as cidades inteiras são destruidas e milhares de infelizes choram o seu infortunio, a nossa sentimentalidade chora com elles, leva-lhes o balsamo precario, para feridas tão profundas, do nosso auxilio monetario; mas a nossa sciencia, a sciencia do seculo XX, diz-lhes tambem que o seu sofrimento é uma simples consequencia d'um palpitar normal do nosso globo, que todo o seu infortunio é indissoluvel das regiões que elles habitam.

Sim; assim como a nossa vida se manifesta por palpitações rithmicas, de quando em quando, exacerbadas por crises de febre, assim tambem a vida terrestre se denuncia por normaes trepidações, de longe a longe, exacerbadas até paroxismos de furor.

E' que a Terra, este grandioso carro que nos transporta pelos indefinidos campos do espaço, não foi sempre tal qual a conhecemos. Filha d'um imenso aglomerado de materia, a que os sabios dão o nome de nebulosa, sofreu e sofre, com todos os seus irmãos planetarios, que d'essa nebulosa sairam, as successivas fases d'uma evolução cosmica. Quando por leis d'uma mecanica dificil de precisar, passou a viver vida independente, fazendo parte do grandioso cortejo do astro-rei, toda a sua massa era incandescente e brilhante como as estrelas.

Sim, esta miseravel terra que nos alberga, tão cheia d'odios e de rancores, tão maculada de incónfessaveis interesses e de revoltantes egoismos, brilhou já um dia — oh! ha que milhares de seculos isto foi!—brilhou já um dia no céo como a mais bela das estrelas. Então, se alguma outra humanidade vivia em algum dos outros mundos que vogam no espaço, podia deliciar-se nas fulgurantes scintilações que lhe enviava este luzeiro celeste. Era então jovem a Terra e como jovem tinha toda a belleza da juventude cosmica, que consiste em irradiações de luz.

Depois os annos — muitos milhões d'elles, porque assim se contam as fases da vida cosmica — fizeram o seu estrago. Foi-se perdendo o calôr superficial e formando uma crusta exterior, que guardou dentro de si um nucleo incandescente, ainda hoje attestador da sua existencia pela boca dos vulcões. E sobre essa crusta desenvolveu-se a vida; sobre ella brotou uma luxuriante vegetação e cresceu o multiplo reino animal. E nesse reino animal appareceu um ser muito orgulhoso do magestatico palacio que o albergava. Por mais fundo que esquadrinhasse o chão do seu habitat, esse ser orgulhoso encontrava sempre uma sólida resistencia, incapaz de sofrer o menor deslocamento.

Oh! quanto elle se enganava e quanto se engana ainda, quando a voz da sciencia ou a voz da propria natureza, como agora sucede, o não vem retirar d'esse engano!

Essa crusta, aparentemente tão sólidamente rigida e tão espessa, gosa d'uma fragilidade verdadeiramente notavel. E como o não devia ser? Imaginai que no diametro da Terra, o qual tem doze mil kilometros, a ella pertencem simplesmente oitenta kilometros. Oh! é o que a casca é para o ôvo! Tornae incandescentes e sujeitas aos tumultuarios fenomenos derivados dessa incandescencia todas as materias interiores d'um ovo; quantos perigos de ruptura para a casca?

Mas então vivemos *todos* muito descançados como o imprevidente que descançasse fumando sobre barricas de polvora? Oh! não. Assim vivem realmente alguns habitantes da Terra; mas estes constituem uma pequena minoria. Sob esta constante ameaça do sólo tremer até abrir grandes brechas, da crusta se partir em grandiosos pedaços que, quaes jangadas oscillem sobre o nucleo fluido e incandescente, vivem só os habitantes de determinadas regiões, chamadas linhas de fractura do globo onde a crusta terrestre gosa de *normal* instabilidade. Forma-a depressão mediterranica, uma destas linhas, do mesmo modo que a cordilheira dos Andes forma outra, que se continua para cima ao longo da costa occidental da America. Por isso, Messina e Regio foram agora destruidas; e não ha muito ainda o foram tambem Valparaiso e S. Francisco da California. Soffreram e hão-de continuar a soffrer a infeliz sorte, indissoluvelmente ligada á sua posição geographica.

. . . . . .

. . . . . .

A linha de fractura dos Andes corresponde tambem a uma depressão grandiosa: a poucos metros da costa chilena, a sonda attinge profundidades de milhares de metros.

Em toda a costa chilena, os fundos marinhos rasgam-se abruptamente constituindo, com a não menos abrupta elevação andina, uma formidavel prega terrestre de muitos kilometros d'altura. N'essa grande linha de fractura do globo, como em todas as outras, a crusta, gosando de grande estabilidade, não tendo ainda adquirido uma posição estavel sobre o nucleo central, treme de quando em quando, oscila, destruindo com estas normaes oscilações, as cidades que sobre ella se levantam.

E porque treme? porque oscilla?

E' simples a explicação, tão simples que é facilmente acessivel ao intellecto d'um conselheiro mascarado de geographo-estadista.

O nucleo central contrae-se, tanto pelo que lança pelos vulcões como, e mais ainda, pelo arrefecimento. Este fenomeno de contração, em eras remotissimos, provocou a formação das montanhas, pois que a crusta, algum tanto plastica, ajustando-se á massa central enrugou-se, tal qual sucede a um vestido, largo de mais para a pessoa que o veste.

Mas a plasticidade da crusta desappareceu com o decorrer do tempo, de modo que em epochas relativamente modernas, a sua rigidez cedeu á violenta acção dos agentes interiores partindo, fracturando-se e produzindo grandiosos demoronamentos, como a uma grande abobada a que cahiu o fecho.

Assim se produziram as chamadas linhas de fractura do globo: assim nasceu a grande depressão oceanica da costa chilena; assim se formou o Mediterraneo, separando em dois—Europa e Africa—um macisso de terra que geologicamente constitue um só todo.

Ora, nestas regiões em que a crusta está fracturada, o subsolo apresenta grandes vasios; a crusta solida não assenta sobre o nucleo interior.

Os effeitos necessarios d'uma tal disposição dos materiaes solidos terrestres, serão desmoronamentos e continuas oscilações.

Que um desmoronamento interior se produza: o abalo repercurtir-se-a até á superficie, produzindo, na crusta terrestre, ondas ou oscillações sismicas que, atenta a excellente conductibilidade do movimento vibratorio nos corpos solidos, se propagarão a milhares de kilometros de distancia, tornando-se sensiveis a uns apparelhos registradores, chamados sismographos.

Por estes reconhece a sciencia que os fenomenos sismicos são de todos os dias e de todas as horas. E assim deve succeder, visto a instabilidade da crusta nas regiões de fractura.

As populações é que só se amedrontam e sofrem as tristes consequencias d'essa instabilidade, quando a oscilação é de tal violencia que em terra desmorona os edificios e no mar produz a chamada vaga de translação, flagelo horrivel que varre, com destruidora furia, as margens maritimas.

. . . . . .

Mariotte.

AO SERÃO

OS PEQUENOS NO BOSQUE

Um dia tres pequenos iam juntos para a escola, e disseram uns aos outros, que não havia nada no mundo mais aborrecido que estudar:—vamos para o bosque que encontraremos lá toda a especie de bichinhos, que não fazem outra couza se não brincar, e nós brincaremos com elles.

Foram logo, e passaram sem fazer caso ao pé da activa formiga e da abelha diligente. Mas o besoiro, que elles convidaram a vir patuscar, disse-lhes:

Brincar? Preciso construir com estas ervas uma ponte nova, porque a outra já não está solida.

—Eu, disse o rato, tenho que fazer as minhas provisões para o inverno.

—Eu, disse d'ali a pomba, tenho muitas cousa sque levar para o meu ninho.

—Eu, disse a lebre, gostava bem de me ir divertir com vocês, mas ainda hoje não lavei o meu focinho. Antes de mais nada, tenho que fazer a minha «toilette.»

E tu, tinto regato, disseram os pequenos desertores, que passas o tempo a saltar e a tagarellar, tambem não queres brincar comnosco?

—Estes pequenos são tolos, disse o regato. Como? Vocês então imaginam que eu não tenho que fazer? De noite ou de dia, não descanço nem um momento. Tenho que dar de beber aos homens e aos animaes, ás colinas, aos vales, aos campos e aos jardins. Tenho que apagar os incendios, tenho que fazer mover as forjas, os moinhos, as serralherias. Nem hoje acabára, se lhes quizesse contar o que tenho que fazer. Não posso perder um instante. Adeus, adeus. Estou com muita pressa.

Os pequenos, desconcertados, puzeram-se a olhar para o ar, e viram um pintasilgo, em cima dum ramo.

—Olha! tu, que não tens nada que fazer, queres brincar comnosco?

—Nada que fazer? vocês estão a mangar comigo, disse o pintasilgo. Todo o dia tenho que apanhar moscas para comer. Tenho alem d'isso que tomar parte num concerto dos passarinhos; tenho que alegrar o operario com o meu chilrear, e tenho que adormecer as creanças com uma outra cantiga que á noite e de madrugada celébre a bondade do creador. Ide-vos embora preguiçosos, ide cumprir o vosso dever, e não tornem a incommodar os habitantes das florestas, que cada um tem a sua tarefa a desempenhar.

Os pequenos aproveitaram com a lição, e comprehenderam que o prazer e o descanço só são legitimos, quando são a recompensa do trabalho.

Guerra Junqueiro.

EPIGRAMMAS

I

Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

II

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar:
«Recipe...» (diz) — De repente
Grita da cama o doente:
— «Basta, que mais é matar!»

III

«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca, de repente.
E diz de longe:—«Recorre
Ao teu medico assistente.»

BOCAGE.

O diabo tambem se engana

Uns arabes tinham acabado de lavrar o seu campo; chegou o diabo e disse-lhes: «A metade do mundo pertence-me; quero portanto receber uma parte da vossa colheita».

Os arabes que são finos e astutos como a raposa, responderam ao diabo: «Pois bem, receberás então, se quizeres, a parte que fica debaixo da terra».—«Não, não; accudiu o diabo; eu quero a parte que ficar fóra da terra.» Os arabes semearam então o seu campo de nabos e batatas, e quando chegou o tempo da colheita, recolheram o que estava debaixo da terra e entregaram a rama ao diabo

No anno seguinte voltou este e exclamou bastante zangado: «D'esta vez não me hão-de vocês lograr; eu quero a parte que ficar debaixo da terra.» Os arabes semearam o campo de trigo e cevada e quando a colheita teve logar levaram a palha e o grão, e o diabo ficou com as raizes.

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

*

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Transporte . . .	*115$400*
Jeronymo Fernandes Mascarenhas	*500*
Somma	*115$900*

ANNUNCIOS

Bibliotheca Humoristica

A RIR...
A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR
Ferreira Manso (V. LHACO)
PUBLICAÇÃO QUINZENAL
50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodica, de caracter permanente, com o qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR . A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR. . A RIR. . seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas: «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR .., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as livrarias

resse uma lembrança, cuja communicação não podia soffrer demoras, voltou de novo atrás, e elevando a voz:

—O' abbade, tu não sabes a historia daquelle frade franciscano que?...

—Não sei, não; ora conta lá, João Semana, conta — disse o reitor debruçando se no peitoril da janella e já com o aspecto risonho.

—Havia lá no convento — principiou João Semana — uma pintura muito grande representando a ceia de Christo; e era essa pintura a que mais attraía as meditações piedosas do tal reverendo, o qual, de olhos fitos naquelle quadro, passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Outro frade que tinha notado isto, não pôde ter mão em si que lhe não perguntasse com aquella voz de lamuria de franciscano manhoso: «Em que pensais vós, irmão, quando com tanta attenção olhais para este quadro?» Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador, respondeu-lhe o tal.

—E longos foram na verdade! —continuou o primeiro. Mas porque esta pintura, mais do que as outras, vos trás tão santas ideias? Não tendes na sacristia a do Descimento da Cruz e aquella do Senhor preso á columna? «E' verdade, irmão, diz-lhe então o franciscano com cara de mortificação — é verdade mas olhai que não menor tormento era este de ter doze pessoas á mesa, e tão pouco de comer em cima della».

E João Semana, dizendo isto, roçou as esporas pela barriga da egua e partiu acompanhado de uma grande gargalhada do reitor que era perdido por as anecdotas de João Semana.

—Onde diabo vai este homem buscar estas coisas!—dizia o reitor, chorando de tanto que ria.

E João Semana ia quasi a dobrar a esquina, quando de novo o suspendeu a voz do padre, bradando-lhe:

—O' João Semana, olha lá.

—Que é?—respondeu o facultativo já com um certo mau humor.

—Tu queres que eu fique hoje sem jantar?

—E' só uma pergunta.

—Dize.

—Não sabes que chegou hontem o Danielzito do Dornas?

—Como não sei? pois não estive eu já com elle?

—Ah, sim! E então que te parece o homem?

—Que me ha de parecer? Bem.

—E depois accrescentou:

—Bem e mal.

—Como é isso? Bem e mal!

—Sim, o rapaz é talentoso e nas cidades talvez fizesse figura; para aqui não serve.

—Ah! João Semana!... Ciumes...

—Estás doido! Tomara eu que elle me descarregasse de parte desta tarefa, mas... dize-mo lá tu se aquelle corpo franzino, aquella pelle de mulher, pode aturar metade, a quarta parto, a decima parte do que eu tenho aturado.

—Lá isso...

—Está de vêr que não. Mas lá talentoso é elle, não ha duvida nenhuma.

E, dizendo isto, sempre conseguiu dobrar a esquina.

O reitor fechou a janella e foi jantar. Sentado á mesa ainda sorria de quando em quando, repetindo a meia voz:

—Doze pessoas á mesa e tão pouco de comer em cima della!

Ora o diacho do homem!

Julio Diniz.

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

VIVEIRO DE VIDEIRAS

AMERICANAS

ENXERTOS e BARBADOS

Enviam-se preços correntes.

JOÃO SALGADO

Estarrêja--FERMELÃ

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição – Brochado 60 – Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras» procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

COLLEGIO MONDEGO

Paço da Inquisição — Coimbra

Director — Diamantino Diniz Ferreira

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Instrucção secundaria, — Curso geral e complementar.

Curso Commercial. — Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica sueca.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrucção primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas profissões.

O exame do 3.º anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permittam, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes dos Lyceus, bem como a 4.ª e 5.ª, e a 6.ª 7.ª (de Letras).

ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS

PROFESSORES

General Aniceto de Paiva.
Charles Lepierre, Director do gabinete de microbiologia da Universidade
Capitão Antonio Baptista Lobo
Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
John Sidney
D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
José d'Almeida, guarda-livros
Pinheiro da Costa, antigo leccionista
Antonio Donato, guanda-mór da Universidade
Diamantino Diniz Ferreira, professor da Escola Nacional d'Agricultura.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

Para festas das creanças

Puerilidades

por ***Angelo Vidal***

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

NO PRELO:

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.

Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

PADARIA FLOR DO PARAISO

270, RUA DO PARAISO, 272

PORTO

Ninguem fabrica melhor do que nós e poucos fabricam tão bem como nós.

E tão barato como nós ninguem vende

O rico e o pobre deve aproveitar uma economia de mais de **20 %** no genero de primeira necessidade

Eis os preços d'esta casa desde o 1.º de janeiro em diante:

PÃO FINO:

Kilo em 8 pães, 100 réis!

duzia de pão fino que em outra qualquer casa custa 150, 160, 100 e 120, custa em nossa casa apenas **120** e **90 réis** respectivamente

A's boas donas de casa, aos proprietarios e directores de collegios, hoteis e restaurantes, recommendamos os productos da **Padaria "FLOR DO PARAISO,,.**

VENDAS A DINHEIRO

AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas. Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa—anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte).	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . 10 reis
Communicados, cada linha. . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

2.º ANNO—N.º 22

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.